

América Latina e Caribe diante da Covid-19*

Frédéric Thomas**

Resumo:

A covid-19 abala o continente mais desigual do mundo, lançando uma luz dura sobre suas contradições e vulnerabilidades. Embora os Estados não tenham reagido de maneira coordenada e a paisagem seja heterogênea, tendências comuns surgiram: o retorno do Estado, a tentação de negar e as múltiplas formas de auto-organização. O impacto da pandemia será particularmente forte, mas abre a chance de uma alternativa.

Palavras-chave: Covid-19; retorno do Estado; pandemia; urgência.

Latin America and the Caribbean in the Face of Covid-19

Abstract:

Covid-19 has shaken the most unequal continent in the world, shining a light on its contradictions and vulnerabilities. Although states have not reacted in a coordinated manner and the landscape is heterogeneous, common tendencies have arisen: the return of the state and the temptation to deny the multiple forms of self-organization. The impact of the pandemic will be particularly strong but opens the chance for an alternative.

Keywords: Covid-19; return of the State; pandemic; urgency.

Inventário da situação

O primeiro caso identificado da covid-19 na região da América Latina e Caribe ocorreu no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020. Dez dias depois, em 07 de março, o primeiro morto oficialmente reconhecido foi registrado na Argentina. O Haiti foi um dos últimos países do continente atingidos, com duas pessoas testadas positivo em 19 de março. No processo, foi decretado estado de emergência em todo o continente. A defasagem de alguns dias da propagação em relação à Europa foi valiosa na medida em que possibilitou aos Estados se prepararem um pouco melhor. Mas isto também significa que o pico ainda não foi atingido nesta região.

* Publicado originalmente como *L'Amérique Latine et les Caraïbes au Temps du Covid-19*, no portal do Centre Tricontinental (CETRI) em 19 mai. 2020. Traduzido por Jair Pinheiro. Revisão de Lúcio Flávio de Almeida.

** Doutor em Ciência Política, pesquisador do Centre Tricontinental (CETRI), Louvain-La-Neuve, Bélgica. Endereço eletrônico: thomas@cetri.be

Hoje, 13 de maio de 2020, o conjunto do subcontinente, com cerca de 650 milhões de habitantes, tem 400.000 casos, perto de 23.000 mortos, dos quais mais da metade (13.000) no Brasil. Além deste país (com 190.000 casos confirmados), foram particularmente afetados o Peru (mais de 2.000 mortos e mais de 76.000 casos confirmados), o México (mais de 4.000 mortos e mais de 40.000 contaminados) e o Equador (2.334 mortos e mais de 30.000 casos confirmados¹). Em termos de mortalidade, seguem a Colômbia, a República Dominicana, o Chile e a Argentina (335 mortes ou mais em cada um desses países). Na América Central, o Panamá é o país mais afetado, concentrado cerca de dois terços dos mortos e dos infectados do subcontinente, com mais de duzentas mortes e mais de 8.700 pessoas infectadas. A vizinha Costa Rica e, na América do Sul, o Uruguai, estão entre os países menos atingidos.

Entretanto, na falta de testes sistemáticos, essas cifras devem ser consideradas com precaução e, certamente, estão aquém da realidade, como, aliás, reconhece a maior parte dos governos. Assim, o número de testes por milhão da habitante na Bélgica é três vezes maior que na Venezuela (país da América do Sul que mais testes realizou), no Peru e no Chile, seis vezes mais que na Colômbia, duas vezes mais que no Equador e trinta vezes mais que no México e no Brasil².

Configuração específica

Não é fácil construir um panorama sintético da covid-19 na América Latina, em face da heterogeneidade do continente. Com efeito, é difícil inscrever num mesmo quadro Haiti e Argentina, Honduras e Brasil, tão diferentes são as situações nacionais. Entretanto, existem convergências e um solo comum. A covid-19 não apareceu em terra virgem, mas em terras cujas características configuraram o impacto e a resposta à pandemia.

Continente mais desigual do mundo, confrontado com aumento da pobreza desde (pelo menos) 2014, às voltas com dificuldades econômicas e abalado aqui e ali por revoltas populares (Chile, Equador, Colômbia, Haiti, Nicarágua) e crises políticas (Bolívia, Venezuela), a América Latina e o Caribe não estão nas melhores condições para enfrentar a crise sanitária atual.

¹ Proporcionalmente à sua superfície e a sua população, este país é um dos mais afetados pela pandemia no continente.

² Todos os dados, com data de 13-14 mai. 2020, são do *Worldometer*: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. O portal do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), <https://www.iadb.org/es/coronavirus/situacion-actual-de-la-pandemia> (21 jan. 2020) e o jornal espanhol *El País* oferecem igualmente um panorama atualizado regularmente da situação na América Latina: <https://elpais.com/america/sociedad/2020-05-13/coronavirus-en-america-ultimas-noticias-en-vivo.html>. 06 jun. 2020. Igualmente, María Clara Calle Aguirre (24 mai. 2020), *Las dudas sobre el número de pruebas de Covid-19 en América Latina*.

Em 2018, segundo a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), a pobreza afetava pouco mais de 30% da população. Ela diminui de maneira muito diferente de Norte a Sul do subcontinente – mais de 23% na América do Sul contra algo próximo de 38% na América Central – e entre países: 2,9% da população no Uruguai contra 55,8% em Honduras; perto de 42% no México; entre 30% e 34% na Colômbia, na Bolívia e em El Salvador; 24% na Argentina e no Equador; e um pouco acima de 19% no Brasil³. Mas, por toda parte, a tendência é de alta.

Outro dado estruturante: a informalidade do trabalho. A maioria (53%) da população economicamente ativa (PEA) está no setor informal. Também aí são fortes as disparidades entre os países. Essa taxa cai a 25% no Uruguai e se eleva acima de 60% na América Central e perto de 90% no Haiti. Desigualdade, pobreza e informalidade se mostram diversamente segundo o país, mas também no interior deles mesmos segundo as clivagens rural/urbano, homem/mulher e étnicas. As populações afrodescendente e indígena (21% e 7,5%) são as mais vulneráveis proporcionalmente.

É claro que a importância do setor informal pesa sobre a questão do confinamento e tem um impacto particular sobre o trabalho das mulheres. No subcontinente, elas dedicam três vezes mais tempo ao trabalho doméstico e ao cuidado não remunerado como o homem. Conseqüentemente, o confinamento e a demanda de reforço da higiene e dos cuidados repousam essencialmente sobre os ombros das mulheres, acentuando ainda mais as desigualdades (Cepal, 02 abr. 2020).

Enfim, epidemias tais como a malária e a febre amarela já afetavam a região, mas a mais importante entre elas é, de longe, a dengue. Em 2019, mais de três milhões de pessoas eram afetadas no subcontinente e ela provocou, no ano, mais de 1.500 mortes. O medo de um coquetel mortal que combine covid-19 e dengue é ainda mais forte em razão da similaridade dos sintomas. A única nota positiva: a pirâmide etária. A população idosa (65 anos e mais) ronda os 10%.

Saúde pública

Christophe Ventura (24 mar. 2020) resume bem a situação, ao afirmar que a região se caracteriza “pela fragilidade, vulnerabilidade e debilidade de seus sistemas de saúde e de proteção social”. Segundo a Organização Panamericana da Saúde (OPAS), três pessoas em cada dez na região não tem acesso aos cuidados de saúde, por razões econômicas e/ou de distância. Desde 2017, a instituição

³ Cepal, Panorama social 2019. Note-se que há uma diferença importante entre os dados da Cepal e os dos Estados Latino-americanos.

conclamava os Estados da região a “acelerar a transformação de seus sistemas de saúde em universais” (OPAS, 2017). É forçoso reconhecer que, três anos depois, estão muito longe disso.

Em 2014, as despesas públicas com saúde em relação ao PIB variavam de menos de 2% no Haiti e na Venezuela a mais de 10% em Cuba. De fato, este país, junto com Costa Rica, Argentina e Uruguai, um dos poucos países da região “a seguir a recomendação da OPAS de investir mais de 6% do seu produto interno (PIB) no sistema de saúde” (Saliba et al., 09 mai. 2020). A média das despesas públicas de saúde por habitante na região era de 336 dólares em 2014. Mas isso também com fortes disparidades. Cuba despendia mais do dobro (781 dólares) da média regional; a República Dominicana, próxima da metade; e o vizinho Haiti, dezoito vezes menos (13 dólares).

Em 2013-2014, o número de leitos por 10.000 habitantes variava de cinquenta em Cuba e na Argentina para 6 ou 7 no Haiti, em Honduras e na Guatemala. Havia duas vezes mais leitos (por 10.000 habitantes) no Peru e no Equador do que na Venezuela; três vezes mais no Uruguai (28) do que na Nicarágua (9). Em 2017-2018, havia, respectivamente, 14 e 21 leitos por 10.000 habitantes no México e no Chile (contra 57 na Bélgica) (OMS, 01 jul. 2020-07). Portanto, o risco de saturação é evidente.

A CEPAL observou, por outro lado, que a pressão sobre os sistemas de saúde era desigualmente repartida, uma vez que afeta significativamente as mulheres. De um lado, estas representam 72% do total de pessoas empregadas no setor na região – enquanto sua renda é, em média, 25% inferior à dos homens no mesmo setor – e, de outro, elas garantem em larga medida o trabalho de cuidado nas famílias (Cepal, 02 abr. 2020).

Respostas dispersas e casos particulares

A falta de coordenação e de integração dos países do continente é confirmada pela resposta à covid-19. A débil institucionalização do espaço regional e a polarização crescente dos governos, catalisadas pela crise na Venezuela, e sua instrumentalização por Washington pesam muito. Sem contar a pouca credibilidade concedida à Organização dos Estados Americanos (OEA)⁴. Em consequência, as respostas à crise sanitária estão concentradas no nível nacional.

⁴ A OEA, sediada em Washington, da qual Cuba foi excluída, aparece como um instrumento da política norte-americana, que aporta mais de 60% do seu orçamento. Ver *Le ministère des colonies américaines*, de Guillaume Long (maio/2020). Sobre o primeiro balanço da integração regional a respeito da covid-19, ver *L'Amérique latine en désintégration pandémique*, de Jean-Jacques Kourliandsky (14 mai. 2020).

Três casos particulares: Haiti, Venezuela e Colômbia

Se várias análises concordam em ver no Brasil o epicentro da pandemia, dois países preocupam particularmente, devido à situação que prevalecia antes da emergência da covid-19: Haiti e Venezuela. A resposta desses dois países depende amplamente da ajuda internacional e/ou da Organização Mundial da Saúde (OMS) e eles estão no auge de uma crise econômica e política de grande amplitude, com contornos diferentes.

Desde 2016 (pelo menos), a inflação dispara, os serviços públicos se degradam e a pobreza se generaliza na Venezuela, acarretando uma emigração massiva de perto de 5 milhões de pessoas. Paralelamente, no início de 2019, o presidente do Parlamento, Juan Guaidó, se proclama chefe interino do Estado, imediatamente reconhecido por Donald Trump e, em seguida, por uns cinquenta países, entre os quais vários da União Europeia. As pesadas sanções norte-americanas abateram a Venezuela ainda mais duramente porque sua renda depende, de maneira desproporcional, da exportação de petróleo (cuja cotação caiu) com destino aos Estado Unidos.

Em plena crise do coronavírus, em 26 de março, a administração norte-americana ofereceu uma recompensa para toda informação que levasse à prisão do presidente Nicolas Maduro e dos alto-funcionários, por seu suposto papel no narcotráfico. Pouco tempo antes, o Fundo Monetário Internacional (FMI) recusara uma solicitação de urgência de empréstimo do governo venezuelano para fazer frente à crise. A Venezuela, como Cuba, aliás, se vê obrigada a enfrentar a pandemia em condições difíceis e com maiores constrangimentos (Kourliandsky, 14 abr. 2020).

O número de casos reconhecidos oficialmente (440) é quase trinta vezes inferior aos da vizinha Colômbia. Muito provavelmente, esta subestimação decorre da guerra de cifras por parte do governo venezuelano frente a seus oponentes; mas, antes de tudo, ela é um indicador da incapacidade de realizar uma apuração diária exaustiva. Paradoxalmente, o isolamento relativo de Caracas no cenário internacional a preserva, provavelmente há menos casos importados que em outros países da região.

No Haiti, as cifras permanecem baixas até o presente: 415 casos confirmados e 20 mortos. A República Dominicana, que divide a ilha com o Haiti, ultrapassou a marca dos 10.000 casos. Entretanto, em vinte e quatro horas, entre 17 e 18 de maio, perto de uma centena de novos casos foram diagnosticados. Acima de tudo, a catástrofe sanitária precede a crise da covid-17: a pobreza afeta quase 60% da população; 4,5 milhões de pessoas (numa população de 11 milhões) estão em insegurança alimentar; a inflação dispara; as desigualdades se aprofundam; o agravamento da insegurança e as violações dos direitos huma-

nos se agravam; e o governo, atormentado pelo autoritarismo neoliberal e pela corrupção, está totalmente desacreditado.

Um quarto da população vive na capital, Port-au-Prince, grande parte na promiscuidade das favelas, com pouco acesso à água e aos serviços sociais básicos. Depois de uma pausa, o trabalho terceirizado, majoritariamente feminino, foi retomado na indústria têxtil... sem reunir todas as condições de higiene. No entanto, em uma economia em que o setor informal domina, essas fábricas oferecem 55.000 empregos formais (pouco qualificados e mal pagos). Além disso, representam um retorno financeiro importante para a elite: quase 80% das exportações haitianas são compostas por mercadorias do setor têxtil destinadas aos Estados Unidos.

Contrariamente à tendência regional, o orçamento da saúde passou de 16% das despesas públicas no Haiti em 2004 para 4% em 2018. Isto atesta a divisão de trabalho em vigor: o Estado se concentra nas coisas “sérias” – os negócios – e subcontrata os serviços sociais básicos, como a saúde, de ONGs humanitárias internacionais. Tanto assim que, no momento, o Estado haitiano não tem meios nem legitimidade (nem vontade?) para responder ao desafio da crise sanitária. Pior ainda, as haitianas e os haitianos que, em 2018-2019, participaram do inédito movimento de protesto, simplesmente não confiam mais em tal Estado (Thomas, 30 jan. 2020).

A Colômbia constitui um outro caso específico, devido à violência dos grupos paramilitares. Como afirmou, em fins de abril, Ernesto Roa, dirigente do movimento camponês Coordenação Nacional Agrária (CNA): “temos sofrido uma pandemia histórica: o extermínio”. Se o Exército de Libertação Nacional (ELN), guerrilha histórica, anunciou um cessar-fogo, os paramilitares tiram vantagem do confinamento e das limitações aos deslocamentos para fortalecer seu poder, ameaçando e assassinando. Entre início de março e fim de abril, vinte e seis defensores dos direitos humanos e dirigentes sociais foram mortos (oitenta e quatro desde o começo do ano) (Gutiérrez, 30 abr. 2020).

A covid-19 pôs às claras as desigualdades que atravessam a sociedade colombiana e a guerra conduzida contra uma parte dela mesma, incluindo em primeiro lugar, os camponeses, os indígenas e as afro-colombianos. Por outro lado, a pandemia mostra o pouco avanço do Acordo de Paz em vigor, assinado em 2016, freado ou contornado pelo governo Ivan Duque e que sofreu impacto negativo da covid-19.

Uma análise das medidas governamentais frente à covid-19, feita por uma organização colombiana, destacou a inadequação do método e das prioridades (Pares, maio/2020). Usar fórmulas ordinárias para resolver um problema extraordinário, volta, ainda e sempre, a pôr o sistema de saúde a mercê do

mercado: o essencial das subvenções é destinado às grandes empresas do setor informal, e não às populações mais afetadas. O método e as prioridades que comandam a gestão da crise sanitária são os mesmos que estruturam o modelo de desenvolvimento colombiano, na origem do conflito armado; que também foram contestados nas ruas, no fim de 2019, por uma sucessão de mobilizações massivas.

Mulheres, migrantes e prisioneiros

À margem das respostas estatais, três segmentos da população latino-americana estão particularmente expostos: as mulheres, os migrantes e os prisioneiros. No fim de 2019, a ONU estimou o número de migrantes venezuelanos em 4,8 milhões, dos quais, aproximadamente 85% foram para um país da região. A estes, é preciso acrescentar algo como 265.000 migrantes anuais da América Central para os Estados Unidos, incluídos os haitianos⁵. Esta população -dentro dela, particularmente as crianças e as mulheres- é mais vulnerável à pandemia.

Contudo, as expulsões de migrantes latino-americanos dos Estados Unidos (e do México) não cessaram desde que a covid-19 se fez presente na região. Pelos menos setenta e dois voos para onze países latino-americanos foram realizados desde que o estado de urgência nacional foi decretado por Trump em 12 de março. Várias dessas pessoas expulsas testaram positivo para a covid-19 no desembarque, principalmente na Guatemala e no Haiti (Johnston, 05 mai. 2020).

No início de maio, a alta-comissária da ONU para os direitos humanos, Michele Bachelet, manifestou sua “profunda preocupação” relativa às condições carcerárias na América Latina e à “rápida propagação da covid-19” nas prisões. Ocorreram tumultos no México, na Colômbia, na Venezuela, no Peru e na Argentina, deixando oitenta mortos (dos quais, setenta em dois tumultos numa prisão de Bogotá e, um outro, em Maracaibo, na Venezuela).

A falta de higiene e de acesso à água, as condições gerais de encarceramento, a suspensão de visitas, assim como a impossibilidade de distanciamento social, fazem das penitenciárias uma bomba-relógio. As fotografias recentes das prisões salvadoreñas, que rodaram o mundo, remetem, para além de encenação de um presidente buscando demonstrar seu domínio, a uma característica latino-americana: a superlotação carcerária. O número de pessoas privadas de liberdade em 100.000 habitantes é três vezes mais elevado na América do Sul e quatro vezes na América Central, que na Europa (Pizarro, 06 mai. 2020).

⁵ Nas fronteiras norte e sul do México haveria quase 10.000 haitianos e africanos (Xantomila, 12 mai. 2020). Ver também Jairo Acuña-Alfaro, David Khoudour (31 jan. 2020).

Como em toda parte no mundo, as mulheres latino-americanas estão na primeira linha na resposta à covid-19, devido à divisão do trabalho já mencionada, mas também às características específicas dos movimentos feministas e da sua repressão na América Latina. Quatorze dos vinte e cinco países com taxas mais elevadas de feminicídio no mundo se encontram na América Latina⁶. Estas cifras devem ser relativizadas na medida em que a maioria dos países no mundo não considera o caráter de gênero do homicídio – e sua maior visibilidade no continente latino-americano também é fruto das mobilizações feministas. Ainda assim, atestam uma realidade sombria.

No 8 de março de 2020, do Chile ao México, as mulheres foram às ruas para se manifestar. Aliás, estiveram particularmente ativas nos levantes populares que abalaram o Haiti, o Equador e o Chile no último outono. Ao tomar o caminho do confinamento, os Estados penalizam triplamente as mulheres e fazem pesar prioritariamente sobre elas a resposta à covid-19. Aprisionam-nas em “suas casas”, muitas vezes um “verdadeiro campo de guerra para muitas mulheres”. Como recorda uma campanha feminista no México: “a violência contra as mulheres e as filhas é mais mortal que a covid-19”. Enfim, o confinamento opera como um mecanismo de contenção do protesto (Aristia, 10 mai. 2020). Contudo, os coletivos feministas reinventam as formas de luta, especialmente se opondo à nomeação da nova ministra da Mulher e da Igualdade de Gênero no Chile e organizando, no 9 de maio, uma manifestação continental nas redes sociais (Notimex, 09 mai. 2020).

Negação, retorno do Estado e auto-organização

Apesar da heterogeneidade da região, é possível esboçar em grandes linhas três tendências que se sobrepõem, se corrigem ou se colidem. Existe na cabeça de vários presidentes a tentação de minimizar a crise sanitária, até mesmo negá-la. Mais geral, e também mais ambivalente, o retorno do Estado é uma característica comum ao conjunto dos países latino-americanos. Finalmente, sob atenção estatal, se desenvolve uma miríade de iniciativas populares em resposta à covid-19.

Estratégia da negação

Em graus diversos, a negação caracteriza a política da Nicarágua e a do Brasil. Daniel Ortega organizou uma marcha “pelo amor em tempos de covid-19” (da qual ele não participou, entretanto), chamando a lutar contra o vírus com

⁶ Honduras e Haiti encabeçam este triste quadro.

a “força da fé”, antes de desaparecer da cena pública durante mais de um mês. Nenhuma medida de confinamento foi tomada e os números são fantasiosos. Assim, com oito mortos para vinte e cinco casos confirmados, a Nicarágua teria a taxa de mortalidade da covid-19 mais elevada do mundo: uma em cada três pessoas infectadas!

O presidente brasileiro de extrema-direita, Jair Bolsonaro, se distinguiu por suas declarações contundentes, qualificando a covid-19 de “gripezinha”, suas manifestações anticonfinamento, seus ataques à OMS e sua recusa em ceder à “histeria”. Num primeiro momento, o presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador (AMLO), tomou um caminho similar, minimizando o impacto da pandemia e exibindo amuleto e talismãs religiosos⁷. Sob pressão e tardiamente (fim de março) é que foi declarado o estado de urgência sanitária. Em seguida, AMLO adotou uma posição mais responsável, porém não desprovida de contradições.

Para além das divergências políticas, da maior ou menor incompetência e das questões de caráter, essa atitude de negação se inscreve em tendências comuns de fundo comum. Antes de tudo, elas se enraízam em uma realidade socioeconômica caracterizada pela preponderância do setor informal e da pobreza, que torna problemática toda diminuição ou interrupção das atividades econômicas (no México, por exemplo, 42% da população é pobre e o setor informal representa 56%) (Astillero, 23 mar. 2020). Isto atesta uma liderança centrada na personalidade do presidente, na promoção de uma adesão (moral e religiosa) do povo à própria pessoa do “chefe”, que tende a assumir os traços de um salvador, fora de qualquer programa e acima das instituições públicas; a “fé” no líder é tão mais demandada quanto frágeis são as instituições públicas e despreparadas para responder à pandemia. Enfim, o fator religioso é importante: ao mesmo tempo porque impregna a sociedade latino-americana; e devido ao seu peso político crescente -particularmente no Brasil- sobretudo encarnado nas igrejas evangélicas.

Todavia, há também especificidades próprias a cada país. A presidência de Daniel Ortega, no poder há treze anos, foi contestada por uma onda de mobilizações na primavera de 2018, violentamente reprimida. A negação da covid-19 é, também, a do seu possível impacto, da situação socioeconômica do país e, enfim e sobretudo, dos motivos para se revoltar. O México, por sua vez, está sob uma dupla pressão: nacional e dos Estados Unidos (com o qual há um acordo de livre comércio) para reanimar a economia o mais rapidamente. Sua

⁷ Na mesma linha, a presidenta interina da Bolívia, Jeanine Áñez, candidata ao segundo turno das eleições, defendeu um dia de “jejum e oração” diante da pandemia de 28 de abril.

cadeia de produção, especialmente a indústria automobilística, está diretamente conectada a seu vizinho (e à China): três quartos das exportações e perto da metade das importações mexicanas têm como destino ou fonte os Estados Unidos. Esta interdependência tende a manter as críticas de AMLO ao neoliberalismo, responsável por uma crise que a covid-19 apenas acelerou, em um nível teórico, sem efeito prático.

Jair Bolsonaro representa o caos mais extremo. Mais inquietante, também, devido às relações dele com a extrema-direita e ao peso do Brasil na região. País mais populoso do continente, com megalópoles como São Paulo (12 milhões de habitantes) e Rio de Janeiro (6,3 milhões) e grandes desigualdades territoriais (que explicam, em parte, que a cidade amazonense de Manaus esteja em situação sanitária dramática), o Brasil é percebido por muitos como uma catástrofe anunciada e o pico da pandemia não foi atingido até junho ou julho.

A atitude do presidente brasileiro é tal que criou tensões no seu próprio campo, desembocando em crise governamental (com a saída do ministro da Saúde e de seu sucessor menos de um mês depois, e do ministro da Justiça), que se arrisca a transformar-se em crise institucional. A estratégia do presidente brasileiro traduz o credo do neoliberalismo autoritário e neoconservador, a que se alinham as elites econômicas, militares e as igrejas evangélicas, ou os principais apoios de Bolsonaro (aos quais este se volta). Seu lema, “O Brasil não pode parar”, dá a chave explicativa da estratégia da negação: trata-se de subordinar o combate à covid-19 ao funcionamento do mercado (Lippold, 12 mai. 2020)⁸.

As duas faces do retorno do Estado

Em toda parte do continente, com algumas exceções notórias, como o Paraguai (Gauto et al., 06 mai. 2020), o Estado é chamado como apoio. Aí incluídos os regimes mais liberais que, até pouco, celebravam os valores de um mercado “livre”, liberado ao máximo de todo controle estatal. Entretanto, em *Breve história do neoliberalismo*, David Harvey (2014) não afirmou que, entre o respeito aos princípios econômicos ortodoxos e o apoio do poder às elites, este último sempre teve a preferência? Entretanto, ao examinar mais de perto, esse retorno do Estado, a exemplo da moeda, adquire uma dupla face.

Cara: a promoção de uma política de saúde pública, de apoio econômico, de medidas de urgência, um auxílio geral. E isso frequentemente, inclusive para os segmentos mais frágeis da população: renda familiar de urgência para os trabalhadores autônomos e pequenos comerciantes informais, gratificação

⁸ Ver também Brasil de Bolsonaro: o grande salto para trás, de Delcourt (2020).

extraordinária para o pessoal da saúde na Argentina, transferência de urgência de 1000 quetzal (117 euros) para 200.000 famílias na Guatemala; estabelecimento de um pacote de medidas sociais (cesta alimentar, aumento do auxílio social etc.) no Uruguai... Mas, sem dúvida, é o Peru que se mostra mais resolutivo.

Maria Antonieta Alva, a nova e jovem ministra peruana da Economia (ela tem 35 anos), tornou-se uma estrela em seu país. Seu governo pôs em prática um conjunto de medidas no valor total de 26 bilhões de dólares, equivalente a 12% do PIB nacional. É o plano econômico mais ambicioso da América do Sul para enfrentar a covid-19 (o esforço orçamentário do Brasil e do Chile se eleva apenas a 7% do PIB).

Além de um fundo de 85 milhões de dólares (78,5 milhões de euros) destinado a 3,5 milhões de famílias pobres, alocou 57 milhões de dólares (52,6 milhões de euros) para o apoio à cesta alimentar de 2,5 milhões de pessoas. Igualmente, foram previstos fundos para os trabalhadores do setor informal e as pequenas e médias empresas (PME). Resulta, como salienta Anahí Durand Guevara, que a prioridade -tanto econômica como política- desse plano, é conferida às grandes empresas e que o auxílio de urgência vai para as famílias, não às mulheres que, em sua maioria, cuidam das despesas alimentares (Seibt, 05 mai. 2020; Martínez, 02 abr. 2020; Guevara, 09 abr. 2020).

Coroa: o retorno do Estado passa pela reafirmação do monopólio da força legítima, do controle da repressão, do fortalecimento das tendências autoritárias – virilistas e paternalistas como denunciam as feministas – e uma posição de maior importância atribuída aos militares. El Salvador é um caso emblemático dessa dualidade. Seu presidente, Nayib Bukele, há menos de um ano foi aplaudido e tido como exemplo no cenário internacional por haver decretado, frente à pandemia, um auxílio de urgência de 300 dólares (277 euros) aos mais pobres, ao mesmo tempo em que suspendeu o pagamento dos serviços básicos. “Ninguém parece se lembrar que um mês antes, ele entrara no Congresso com o exército para pressionar a oposição”, escreve Cecilia Osorio (10 mai. 2020). Ele teve que demonstrar novamente seu jeito forte, fazendo a polícia e o exército (a quem deu carta branca) efetuarem prisões no fim de abril.

Em El Salvador, no México e alhures, os militares voltaram às ruas – ou, ainda, ao núcleo do governo, como no Brasil – despertando o espectro sombrio dos anos da ditadura. No Chile e no Equador, a lembrança mais recente da repressão aos levantes populares do outono passado, ocorridos nos dois países, é de trinta e sete mortos e mais de 4.000 feridos. Os estados de urgência apresentam-se, portanto, como um problema em si, pois são sempre estados de exceção, suspendendo alguns direitos, mas também porque são decretados em sociedades muito conflituosas e postos em prática por Estados fortemente contestados.

A situação é ainda mais problemática na Bolívia e no Chile. No primeiro, o governo não eleito, estabelecido após a interrupção e a deposição de Evo Morales. O segundo turno das eleições, previsto para 3 de maio, foi adiado. No Chile, após a insurreição popular de 2019, em 26 de abril, garantiu-se realizar um plebiscito sobre a Constituição, o qual foi adiado para 25 de outubro.

A resposta dos Estados à covid-19 tem como resultado pôr sob vigilância as mobilizações públicas e, por objetivo, “passar outra coisa”. Mas, por toda parte no Continente, ressoa a advertência das organizações sociais: “nós não esquecemos”. Tanto mais que a pandemia põe às claras as razões profundas dos levantes do outono passado: desigualdades, falta de espaços públicos e “mau governo”, como dizem os zapatistas.

Auto-organização

O Basta não cessou com a chegada da covid-19. Nada mais que exploração e repressão. Sob o pretexto de lutar contra a pandemia, os Estados estão tentando recuperar alguma legitimidade e/ou retomar a ofensiva contra os movimentos sociais. Foi o caso, por exemplo, do presidente chileno Sebastian Piñera, ao nomear Macarena Santelices – sobrinha-neta de Augusto Pinochet – ministra da Mulher e da Igualdade de Gênero, convidando a ver o “lado bom” da ditadura. Mas, desde então, ela enfrenta oposição dos movimentos feministas nas redes sociais (Rehbein, 11 mai. 2020).

Por desconfiança em relação ao Estado, pela autonomia para as comunidades indígenas⁹ ou simplesmente por necessidade, os atores sociais se organizaram para enfrentar a pandemia. Entre estes, na primeira linha, os movimentos feministas que se levantaram em 2018-2019 tiveram de converter sua mobilização ao formato das redes sociais e das ações de cuidado e de solidariedade. A primeira resposta “de base” foi a constituição ou consolidação de uma série de redes de solidariedade por bairro, por setor ou em escala mais ampla. O objetivo é romper o isolamento, assegurar um mínimo de ajuda mútua – cozinhas comunitárias, cuidados, prevenções e informações¹⁰ etc. – um fazer coletivo segundo o princípio: “o povo cuida do povo”. Trata-se também de fazer pressão sobre as instituições públicas¹¹. Algumas estratégias formalizadas foram reconhecidas, como no Brasil, até mesmo parcialmente transpostas sob a forma legal, com uma

⁹ É o caso, especialmente, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) no México, e da Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador (Conaie, 23 abr. 2020).

¹⁰ Vários guias anarquistas para a sobrevivência na crise de saúde e confinamento foram distribuídos.

¹¹ O tecido vermelho sinalizando a falta de comida foi exibido pela primeira vez nas redes sociais antes de ser pendurado nas janelas das casas na Colômbia, mudando rapidamente de um grito de socorro a um símbolo de solidariedade e uma mensagem de protesto vis-à-vis o estado. *La historia de los trapos rojos, un llamado para dar la mano* (Redacción El Tiempo, 19 abr. 2020).

lei que instaura uma renda básica (de 115 dólares ou 106 euros) de emergência renovável em face da pandemia, por um período de três meses, para as pessoas mais pobres¹².

Em nível continental, o 1º de maio foi ocasião de um “Comunicado dos povos originários, camponeses, afrodescendentes e das organizações populares e feministas” (CADTM, 01 mai. 2020), assinado por cinquenta organizações, que inseriam a covid-19 na “crise estrutural” do capitalismo e “da dominação múltipla”. O desafio é enfrentar a urgência sanitária atual sem esquecer as “outras pandemias”: a da Constituição, no Chile, a do extermínio, na Colômbia, a do feminicídio, por todo o continente.

Na realidade, existe um florescimento de reflexões, de tomada de posição e de textos programáticos. No primeiro momento, o desafio é dar a conhecer essas declarações, alinhá-las (àquelas e àqueles que as sustentam) e, em seguida, dar-lhes os meios de se institucionalizarem, tomando ou não forma de poder público. A aliança do mercado e do Estado, das desigualdades e do desenvolvimento não foi destruída com o aparecimento da covid-19. Neste momento, para os movimentos, trata-se de preencher, corrigir e combater as respostas estatais ou a falta delas. A médio prazo, como diz uma feminista, “virar a omelete”.

E depois?

A pandemia atual terá consequências negativas muito fortes. A CEPAL (12 mai. 2020) desenha um panorama sombrio. Com efeito, ela prevê uma contração do PIB regional de -5,3% para 2020 (o México e a América do Sul serão afetados mais duramente), ou seja, a queda mais importante desde a crise de 1929. O desemprego atingirá 11,6 milhões ou mais, as desigualdades se acentuarão e a pobreza aumentará: de 30,3% a 34,7%. Isto representa mais de 29 milhões de pessoas que ingressarão na pobreza.

A crise mundial, mais precisamente a maneira como ela afeta os Estados Unidos e a China, terá um impacto direto sobre as economias latino-americanas, principalmente no nível das exportações, da transferência de dinheiro dos latino-americanos no exterior (“remessas”) e do turismo. A CEPAL prevê uma queda das exportações para a China de aproximadamente 25%. Todavia, o gigante asiático é o primeiro destino das exportações do Brasil, do Peru, do Chile e do Uruguai, concentrando entre 20% e 34% das suas exportações (Thomas, 23 abr. 2020).

¹² Para o Brasil, ver a Plataforma emergencial para o enfrentamento da pandemia do coronavírus e da crise brasileira (Todo Mundo, 31 mar. 2020) e Movimentos sociais e populares formam redes de solidariedade para enfrentar o coronavírus (Articulación feminista Marcosur, 2020).

A CEPAL também prevê uma queda das remessas em 2020 da ordem de 10% a 15%. Contudo, essas transferências de dinheiro representam uma parte importante da renda na América Central e no Caribe: mais de 10% do PIB da Jamaica, da Guatemala e da Nicarágua, em torno de 20% de El Salvador e Honduras e mais de 30% do Haiti. Esta queda se fará sentir tanto mais que entre 80% e 90% desse dinheiro serve para cobrir necessidades básicas (Semana, 15 mai. 2020). Finalmente, a queda da renda do turismo se fará sentir particularmente em vários países caribenhos: 30% do emprego na Jamaica e em Barbados, em torno de 50% em Granada e nas Bahamas, provêm do turismo (Cepal, 21 abr. 2020).

A crise da covid-19 pôs em evidência a vulnerabilidade das populações do continente – mais de três quartos vivem em situação crônica de insegurança econômica – e os efeitos deletérios das desigualdades e da falta de proteção social universal. Ela é reveladora da fragilidade das economias latino-americanas, bem como de sua inserção problemática no mercado mundial. Daí o apelo da CEPAL para se criar uma renda básica universal, para enfrentar o problema da dívida e fortalecer um “Estado de bem-estar” e de proteção social.

Genericamente, é o próprio modelo de desenvolvimento que está em causa. Daí a CEPAL apelar para uma realocização da cadeia de valor (“processo de regionalização da produção”), a uma diversificação produtiva, que rompa com a especialização atual, que está centrada nas matérias primas, nas maquiladoras e no turismo. Daí, também, a necessidade de uma coordenação entre atores; coordenação em matéria fiscal, produtiva e macroeconômica, mas também, e talvez sobretudo, no plano político (Cepal, 27 abr. 2020)¹³.

Para a CEPAL, o desafio é evitar que a América Latina tenha uma nova “década perdida”. Mas o que virá após a covid-19 depende, antes de tudo, da retomada, em grande escala, de movimentos sociais que se manifestaram com força na Colômbia, no Haiti, no Chile e no Equador, no curso do ano passado, e de sua capacidade de reconfigurar (ou não) as relações de força.

Das lições que pretende tirar da pandemia, AMLO avança que “esta ‘base’ marginalizada e mal-entendida pelas mentalidades tecnocráticas”, existente na África, nas regiões rurais da Ásia e na América Latina, “tem alguma coisa a nos ensinar”. E isso em razão da “persistência de culturas comunitárias solidárias, da autossuficiência alimentar relativa” e da resiliência “das formas de organização social”, opostas ao neoliberalismo (Obrador, 05 mai. 2020). Esta “lição” deveria

¹³ Sobre a história e os desafios da integração regional na América Latina, ver *El agotamiento de las iniciativas de integración regional en América Latina*, Rebelión, de Martín Sanzana Calvet (18 mai. 2020).

colocar desde já AMLO na escola do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). O que parece longe de acontecer.

Seja como for, os movimentos feministas e as organizações sociais urbanas que se mobilizaram em 2018-2019, assim como os movimentos camponeses, indígenas e afrodescendentes, de economia popular e solidária, têm potencial de tirar lições diversamente mais consequentes e radicais do que a de AMLO. Pois essas lições estão ligadas, à montante, à experiência de anos de organização e de luta e, à jusante, aos caminhos que traçam, mais ou menos explicitamente, modos alternativos de economia (feminista, comunitário, solidário). Enfim, e sobretudo, essas lições estão ligadas à imaginação e à sede de “outra coisa” que porta, em si, o começo de uma ruptura e a chance de um outro mundo.

Referências

- ACUÑA-ALFARO, J.; KHOUDOUR, D. El potencial de la migración en América Latina y el Caribe. *PNUD*, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://www.undp.org/content/undp/es/home/blog/2020/harnessing-the-potential-of-migration-in-latin-america-and-the-c.html>. Acesso em 12 fev. 2020.
- AGUIRRE, Maria C. Calle. Las dudas sobre el número de pruebas de Covid-19 en América Latina. *France 24*, 24 mai. 2020. Disponível em: <https://www.france24.com/es/20200509-dudas-numero-pruebas-covid-19-america-latina>. Acesso em 12 jun. 2020.
- ARISTIA, Santiago. Repunte de feminicidios durante la pandemia y el aislamiento a causa del Covid-19. *France 24*, 10 mai. 2020. Disponível em: <https://www.france24.com/es/20200509-repunte-femicidios-durante-pandemia-aislamiento-covid19>. Acesso em 12 jun. 2020.
- ASTILLERO, Julio. Los cálculos de AMLO en tiempos del coronavirus, *Washington Post*, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/es/post-opinion/2020/03/23/los-calculos-de-amlo-en-tiempos-del-coronavirus/>. Acesso em 21 mai. 2020.
- BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO (BID). Covid-19: actualizando a situação na América Latina e no Caribe. 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.iadb.org/es/coronavirus/situacion-actual-de-la-pandemia>. Acesso em 12 fev. 2020.
- CADTM-Comité para la libertación de las deudas ilegítimas. *Comunicado de los pueblos originarios, campesinos, afrodescendientes, y organizaciones populares y feministas de Nuestra América*. 01 mai. 2020. Disponível em: <https://www.cadtm.org/Comunicado-de-los-pueblos-origarios-campesinos-afrodescendientes-y>. Acesso em 12 jun. 2020.

- CALVET, Martín Sanzana. El agotamiento de las iniciativas de integración regional en América Latina. *Rebellion*, 18 mai. 2020. Disponível em: <https://rebellion.org/el-agotamiento-de-las-iniciativas-de-integracion-regional-en-america-latina/>. Acesso em 12 jun. 2020.
- COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL). *Dimensionar los efectos del COVID-19 para pensar en la reactivación*. 21 abr. 2020. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45445/4/S2000286_es.pdf. Acesso em 12 jun. 2020.
- _____. *La pandemia del COVID-19 profundiza la crisis de los cuidados en América Latina y el Caribe*. 02 abr. 2020. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45335/1/S2000261_es.pdf. Acesso em 12 jun. 2020.
- _____. *El desafío social en tiempos del COVID-19*. 12 mai. 2020. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45527/5/S2000325_es.pdf. Acesso em 12 jun. 2020.
- _____. Pandemia del COVID-19 nos llama a construir un nuevo modelo de desarrollo y reforzar la integración regional para enfrentar la crisis. 27 mai. 2020. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/comunicados/pandemia-covid-19-llama-construir-un-nuevo-modelo-desarrollo-reforzar-la-integracion>. Acesso em 12 jun. 2020.
- CONAIE. Resoluciones Consejo Político CONAIE . 23 abr. 2020. Disponível em: <https://conaie.org/2020/04/23/resoluciones-consejo-politico-conaie/>. Acesso em 12 jun. 2020.
- DELCOURT, Laurent (dir.). Brasil de Bolsonaro: o grande salto para trás. *Alternatives Sud*, vol. 27, n. 2, Paris: Editions Syllepse, 2020.
- EL PAIS. Coronavirus em America-últimas notícias. 06 jun. 2020. Disponível em: <https://elpais.com/america/sociedad/2020-05-13/coronavirus-en-america-ultimas-noticias-en-vivo.html>. Acesso em 12 jun. 2020.
- GAUTO, Camilo, et al. Reforma del Estado en Paraguay: pandemia y Doctrina del Shock, *Celag*, 06 mai. 2020. Disponível em: <https://www.celag.org/reforma-del-estado-en-paraguay-pandemia-y-doctrina-del-shock/>. Acesso em 12 jun. 2020.
- GUEVARA, Anahí Durand. Coronavirus y neoliberalismo en el Perú. *Celag*, 09 abr. 2020. Disponível em: <https://www.celag.org/coronavirus-y-neoliberalismo-en-el-peru/> Acesso em 12 jun. 2020.
- GUTIÉRREZ, Klarem Valoyes. Asesinato de líderes sociales en Colombia, sin tregua durante la cuarentena. *La Vanguardia*, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/internacional/20200430/48849842653/>

- asesinato-de-lideres-sociales-en-colombia-sin-tregua-durante-la-cuarentena.html. Acesso em 12 jun. 2020.
- HARVEY, David. *Breve histoire du néo-libéralisme*. Paris: Les Prairies ordinaires, 2014. [Edição brasileira: Harvey, David. O neoliberalismo: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.]
- JOHNSTON, Jake. Exportación de COVID-19: Inmigración estadounidense realizó vuelos de deportación a 11 países de América Latina, según datos aéreos. *CEPR*, 05 mai. 2020. Disponível em: <https://cepr.net/exportacion-de-covid-19-inmigracion-estadounidense-realizo-vuelos-de-deportacion-a-11-paises-de-america-latina-segun-datos-aereos/> Acesso em 12 jun. 2020.
- KOURLIANDSKY, Jean-Jacques. L'Amérique latine en désintégration pandémique. *IRIS*, 14 mai. 2020. Disponível em: <https://www.iris-france.org/147008-lamerique-latine-en-desintegration-pandemique/>. Acesso em 12 jun. 2020.
- _____. Le Venezuela et Cuba dans la tourmente du Covid-19 à l'instar des autres pays latino-américains. *Nouveaux espaces latinos*, 14 abr. 2020. Disponível em: <http://www.espaces-latinos.org/archives/90397>. Acesso em 12 jun. 2020.
- LIPPOLD, Achim. Le Brésil face au coronavirus : autoritarisme et politique de déni. RFI, 12 mai. 2020, Disponível em : <http://www.rfi.fr/fr/am%C3%A9riques/20200511-le-br%C3%A9sil-face-coronavirus-autoritarisme-et-politique-d%C3%A9>. Acesso em 12 jun. 2020.
- LONG, Guillaume. Le ministère des colonies américaines. *Le Monde diplomatique*. Maio 2020. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/2020/05/LONG/61774>. Acesso em 12 jun. 2020.
- MARCOSUR. Movimentos sociais e populares formam redes de solidariedade para enfrentar o coronavírus. *Articulación feminista Marcosur*, 2020. Disponível em: <https://www.mujeresdelsur-afm.org/movimentos-sociais-populares-redes-solidariedade-coronavirus-covid19/>. Acesso em 12 jun. 2020.
- MARTÍNEZ, Mónica. Perú tomó una medida económica sin precedentes para afrontar el coronavirus: abre la caja de sus ahorros fiscales. *Infobae*, 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/america-latina/2020/04/02/peru-tomo-una-medida-economica-sin-precedentes-para-afrontar-el-coronavirus-abre-la-caja-de-sus-ahorros-fiscales/> Acesso em 12 jun. 2020.
- NOTIMEX. Feministas convocan a protesta virtual por violencia durante el aislamiento, *Diario de Yucatan*, 09 mai. 2020. Disponível em: <https://www.yucatan.com.mx/mexico/feministas-convocan-a-protesta-virtual-por-violencia-durante-el-aislamiento>. Acesso em 12 jun. 2020.

- OBRADOR, Andrés, M. López. Quelques leçons de la pandémie Covid-19. Présidence de la république, 04 mai. 2020. Disponível em : <https://www.gob.mx/presidencia/prensa/quelques-lecons-de-la-pandemie-covid-19>. Acesso em 12 jun. 2020.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Global Health Observatory data repository*, 01 jul. 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/gho/data/node.main.HS07?lang=en>. Acesso em 12 ago. 2020.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE (OPAS). *La santé dans les Amériques*, 2017. Disponível em : <https://www.paho.org/salud-en-las-americas-2017/wp-content/uploads/2017/09/HiA-2017-fr.pdf>. Acesso em 12 jun. 2020.
- OSORIO, Cecilia. América Latina: estados de excepción en tiempos de coronavirus. *Cetri*, 10 mai. 2020. Disponível em: <https://www.cetri.be/America-Latina-estados-de>. Acesso em 12 jun. 2020.
- PARES-FUNDACIÓN PAZ & CONCILIACIÓN. Análisis de las medidas del Gobierno Nacional frente al COVID-19. Maio, 2020. Disponível em: <https://pares.com.co/wp-content/uploads/2020/05/Informe-Medidas-Gobierno-Covid-19.pdf>. Acesso em 12 jun. 2020.
- PIZARRO, Carlos. El infierno de las cárceles en América Latina durante la pandemia de Coronavirus. *RFI*, 06 mai. 2020. Disponível em: <http://www.rfi.fr/es/am%C3%A9ricas/20200506-el-infierno-de-las-c%C3%A1rceles-en-am%C3%A9rica-latina-durante-la-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 12 jun. 2020.
- REDACCIÓN EL TIEMPO. La historia de los trapos rojos, un llamado para dar la mano. *El Tiempo*, 19 abr. 2020. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/bogota/la-historia-de-los-trapos-rojos-un-llamado-para-dar-la-mano-486038>. Acesso em 12 jun. 2020.
- REHBEIN, Consuelo. ChaoMacarena: Nuevo ‘tuitazo feminista’ se tomó la red social en contra de la nueva ministra de la Mujer. *Publimetro*, 11 mai. 2020. Disponível em: <https://www.publimetro.cl/cl/noticias/2020/05/11/chaomacarena-ministra-mujer-tuitazo.html>. Acesso em 12 jun. 2020.
- SALIBA, Frédéric, et al. L’Amérique latine, moins touchée par le coronavirus, mais loin d’être épargnée, *Le Monde*, 09 mai. 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2020/05/09/l-amerique-latine-moins-touchee-par-le-coronavirus-mais-loin-d-etre-epargnee_6039148_3210.html. Acesso em 12 jun. 2020.

- SEIBT, Sébastien. Pérou: Maria Antonieta Alva, jeune ministre de l'Économie "héroïne" de la lutte contre le Covid-19. *France 24*, 05 mai. 2020. Disponível em: <https://www.france24.com/fr/20200505-au-p%C3%A9rou-la-jeune-ministre-de-l-%C3%A9conomie-%C3%A9rig%C3%A9e-en-star-de-la-lutte-contre-le-covid-19> Acesso em 12 jun. 2020.
- THOMAS, Frédéric. L'Amérique Latine et les Caraïbes au Temps du Covid-19. 19 mai. 2020. Disponível em: <https://www.cetri.be/L-Amerique-latine-et-les-Caraibes?lang=fr>. Acesso em 12 jun. 2020.
- _____. Chine -Amérique latine et Caraïbes: Coopération Sud-Sud ou nouvel impérialisme? *Cetri*, 23 abr. 2020. Disponível em: https://www.cetri.be/IMG/pdf/etude_chine-alc.pdf. Acesso em 12 jun. 2020.
- _____. Les deux racines de la colère haïtienne. *Cetri*, 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.cetri.be/Les-deux-racines-de-la-colere>. Acesso em 02 fev. 2020.
- TODOMUNDO. Plataforma emergencial para o enfrentamento da pandemia do coronavírus e da crise brasileira, 31 mar. 2020. Disponível em: https://todomundo.org/?page_id=115. Acesso em 12 mai. 2020.
- VENTURA, Christophe. *Coronavirus: état des lieux en Amérique latine*. 24 mar. 2020. Disponível em : <https://www.iris-france.org/145572-coronavirus-etat-des-lieux-en-amerique-latine/>. Acesso em 12 jun. 2020.
- WORLDOMETER. Covid-10-Coronavirus-Pandemic. 13-14 mai. 2020. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em 12 jun. 2020.
- XANTOMILA, Jessica. Afecta Covid-19 subsistencia de migrantes en fronteras del país. *La Jornada*, 12 mai. 2020. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/ultimas/politica/2020/05/12/afecta-covid-19-subsistencia-de-migrantes-en-fronteras-del-pais-1976.html>. Acesso em 12 jun. 2020.